

GEORGE ORWELL

# O TRIUNFO DOS PORCOS

Tradução de  
MARIA ANTUNES



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2021

O senhor Jones, proprietário da Quinta do Solar, tinha trancado os galinheiros para a noite, mas estava demasiado bêbado para se lembrar de fechar as portinholas rentes ao chão. Com o círculo de luz da lanterna a dançar de um lado para o outro, atravessou o pátio a cambalear e, depois de se livrar das botas com um pontapé junto da porta das traseiras, bebeu uma última caneca de cerveja tirada do barril da copa, subindo de seguida para o quarto onde a senhora Jones já ressonava.

Assim que as luzes do quarto se apagaram, houve agitação e bater de asas em todos os edifícios da propriedade. Constava que o velho Major, um porco branco premiado, tivera um estranho sonho na noite anterior e desejava transmiti-lo aos outros animais. Concordaram todos em reunir-se no grande celeiro logo que o senhor Jones estivesse seguramente fora do caminho. O velho Major (como era conhecido, embora tivesse sido exibido na exposição com o nome de Belo Willingdon) era tão

considerado na propriedade que todos se dispuseram a perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Num dos cantos do grande celeiro, numa espécie de plataforma, Major já se encontrava instalado na sua cama de palha, por baixo de uma lanterna pendurada numa trave. Tinha doze anos e ultimamente engordara muito, mas conservava ainda um porte majestoso, com uma aparência inteligente e benévola, apesar de nunca lhe terem sido cortados os dentes caninos. Em breve, começaram a chegar os outros animais, que se acomodaram confortavelmente e a seu modo. Primeiro chegaram os três cães, Bluebell, Jessie e Pincher, a seguir os porcos, que se instalaram na palha em frente da plataforma. As galinhas fizeram das janelas poleiros, os pombos voaram para os barrotes, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Boxer e Clover, entraram juntos, com passo vagaroso, apoiando no chão com grande cuidado os pesados cascos peludos, não estivesse debaixo da palha algum animal mais pequeno. Clover era uma égua robusta e maternal de meia-idade, que não voltara a recuperar a sua elegância depois da quarta cria. Boxer era um animal enorme: tinha um metro e oitenta de altura e mais força que dois cavalos juntos. Uma risca branca no focinho dava-lhe um certo

ar estúpido, e na verdade não possuía uma inteligência de primeira classe, mas todos os outros animais o respeitavam pela sua firmeza de carácter e tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos chegaram a cabra branca Muriel e o burro Benjamim. Benjamim era o mais velho dos animais da quinta e o mais mal-humorado. Raras vezes falava e, quando o fazia, apenas se lhe ouviam observações cínicas. Por exemplo, dizia que Deus lhe tinha dado uma cauda para enxotar as moscas, mas que preferia não ter cauda nem moscas. Único entre os animais da quinta, nunca se ria. Se lhe perguntavam porquê, respondia que não via nada que lhe desse vontade de rir. Contudo, era muito dedicado a Boxer e geralmente os dois passavam o domingo juntos no pequeno cercado por trás do pomar, pastando lado a lado sem nunca falarem.

Os dois cavalos tinham acabado de se instalar quando uma ninhada de patinhos que haviam perdido a mãe entrou em fila no celeiro, piando debilmente e vagueando de um lado para o outro à procura de um lugar onde não fossem pisados. Clover fez uma espécie de muro com a pata dianteira à roda da ninhada e os patinhos aconchegaram-se e adormeceram prontamente. Quase à hora de começar, chegou Mollie, a tola e bonita égua branca que conduzia a charrete do senhor Jones, muito elegante e a mastigar um torrão de açúcar. Escolheu um lugar bem

à frente e começou a sacudir a linda crina na esperança de atrair a atenção para as fitas vermelhas entrançadas nela. Por fim apareceu a gata, que olhou à volta, como habitualmente à procura do lugar mais quente, e por fim se espremeu entre Clover e Boxer; aí ficou a ronronar satisfeita durante toda a exposição do Major, sem ouvir uma palavra do que era dito.

Todos os animais estavam agora presentes, exceto Moses, o corvo domesticado, que dormia num poleiro atrás da porta das traseiras. Quando Major viu que todos se tinham instalado confortavelmente e esperavam expectantes, tossiu para aclarar a garganta e começou:

— Camaradas, vocês já ouviram falar do estranho sonho que tive a noite passada. Mas trataremos do sonho depois. Tenho uma coisa para vos dizer antes disso. Não creio, camaradas, que esteja convosco muitos mais meses e, antes de morrer, acho meu dever transmitir-vos toda a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa e muito tempo para pensar quando estava só no meu curral, e julgo poder dizer que compreendi o sentido da vida nesta Terra, tão bem como qualquer animal vivo. É a propósito disto que vos quero falar.

»Neste momento, camaradas, pergunto: qual é o sentido desta vida? Temos de admiti-lo, a nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, dão-nos apenas

a comida suficiente para nos mantermos vivos. Aqueles de nós capazes de trabalhar são forçados a fazê-lo até ao último átomo da sua resistência e, quando deixamos de ser úteis, somos abatidos com uma crueldade hedionda. Nenhum animal em Inglaterra conhece o significado das palavras felicidade e descanso depois do primeiro ano de idade. Nenhum animal em Inglaterra é livre. A vida de um animal é a miséria e a escravidão: esta é a verdade nua e crua.

»Mas fará isto simplesmente parte da ordem da Natureza? Será por esta nossa terra ser tão pobre que não pode dar uma vida decente àqueles que nela trabalham? Não, camaradas, mil vezes não. O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom e é capaz de fornecer comida com abundância a uma quantidade de animais muito maior do que aqueles que agora a habitam. Esta pequena quinta pode sustentar uma dezena de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas, vivendo todos com o conforto e a dignidade que presentemente está quase para lá da nossa imaginação. Então, porque continuamos nós a viver nestas condições miseráveis? Porque a quase totalidade do produto do nosso trabalho é roubada pelos seres humanos. Esta é a resposta a todos os nossos problemas. Toda a nossa miséria se resume a uma só palavra... o Homem. O Homem é o único inimigo real que temos. Retirem o Homem da

cena e a causa da fome e do excesso de trabalho desaparecerá para sempre.

»O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é demasiado fraco para puxar o arado e não corre o bastante para caçar coelhos. Pois, apesar de tudo isto, é o senhor de todos os animais. Manda-os trabalhar e do produto desse trabalho dá-lhes só o mínimo necessário para não morrerem de fome e fica com o resto para si próprio. O nosso trabalho lavra a terra, o nosso estrume fertiliza-a e, no fim de tudo, somos apenas donos da nossa pele. Vocês, vacas, que estão na minha frente, quantos milhares de litros de leite deram no ano passado? E que foi feito desse leite que devia servir para criar vigorosos vitelos? Cada gota dele foi para as goelas dos nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos puseram no ano passado? E quantos desses ovos serviram para produzir galinhas? A maior parte foi para o mercado e transformada em dinheiro para o senhor Jones e a sua gente. E tu, Clover, que é feito daqueles quatro lindos potros, teus filhos, que deveriam ser a alegria e o amparo da tua velhice? Foram vendidos quando tinham um ano e não tornarás a vê-los. E em troca dos teus quatro partos e de todo o teu trabalho nos campos, tens alguma coisa mais do que uma magra ração e um estábulo?

»E mesmo vivendo uma vida tão miserável, não nos é permitido chegar ao seu limite natural. Por mim não me queixo, porque sou um dos felizes: já fiz doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. Esta é a vida normal de um porco, mas nenhum animal escapa, no fim, à faca cruel. Vocês, porcos novos, que estão na minha frente, dentro de um ano terão de soltar o grito que marca o fim da vida. A esse horror não poderemos fugir — vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. E os cavalos e os cães não têm melhor destino. Tu, Boxer, no dia em que esses belos músculos perderem a força, serás vendido por Jones ao magarefe, que te cortará a garganta e fará de ti comida para os cães de caça. E vocês, cães, quando forem velhos e perderem os dentes, Jones amarra-vos uma pedra ao pescoço e atira-vos para um poço.

»Não é, pois, absolutamente claro, camaradas, que todas as misérias que sofreremos são resultado da tirania dos seres humanos? Apenas livrando-nos do Homem é que o produto do nosso trabalho será nosso. Quase do dia para a noite, podemos tornar-nos ricos e livres. Que devemos pois fazer? Trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para destronar a raça humana! Esta é a mensagem que vos dirijo, camaradas! Rebelião! Não sei quando virá essa Rebelião; pode surgir dentro de uma semana ou dentro de cem anos, mas sei, estou tão certo disso como de estar a ver a palha

sob os meus pés, que mais cedo ou mais tarde será feita justiça. Fixem nisso os vossos olhos, camaradas, durante o pouco tempo que vos resta de vida e, principalmente, passem esta mensagem àqueles que vierem depois, para que as futuras gerações possam continuar a luta até à vitória.

»E lembrem-se, camaradas, nunca vacilem na vossa resolução. Nenhum argumento vos deve desviar. Nunca ouçam quem vos disser que o Homem e os animais têm interesses comuns, que a prosperidade de uns é a prosperidade dos outros. Isso é tudo mentira! O Homem não serve os interesses de qualquer outra criatura, serve somente os seus. E entre nós, animais, que haja sempre perfeita unidade, perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.

Neste momento houve uma tremenda algazarra. Enquanto Major estava a falar, quatro grandes ratazanas rastejaram dos buracos para o ouvirem. Os cães viram-nas de repente e as ratazanas só salvaram a vida por terem mergulhado rapidamente nos seus buracos. Major levantou a pata para pedir silêncio.

— Camaradas — disse ele —, há um ponto que é preciso esclarecer: as criaturas selvagens, como ratazanas e coelhos, são nossos amigos ou inimigos? Façamos uma votação. Apresento esta pergunta à assembleia: as ratazanas são camaradas?

Da votação, por grande maioria, resultou que eram. Houve, porém, quatro dissidentes, os três cães e a gata, que se descobriu mais tarde ter votado em ambos os lados. Major continuou:

— Pouco mais tenho a dizer. Limito-me a repetir: nunca se esqueçam de que é vosso dever serem sempre e de todas as maneiras inimigos do Homem. Todos os que andam sobre dois pés são inimigos. Os que andam sobre quatro pés ou têm asas são amigos. Lembrem-se ainda que, ao lutar contra o Homem, não devemos vir a parecer-nos com ele. Quando o vencermos, não devemos adotar os seus vícios. Nenhum animal deverá viver numa casa, nem dormir numa cama, nem usar roupa, nem beber álcool, nem fumar tabaco, nem tocar em dinheiro, nem negociar. Todos os hábitos do Homem são perversos. E, acima de tudo, nenhum animal deve tyrannizar outro animal. Fracos ou fortes, espertos ou estúpidos, somos todos irmãos. Nenhum animal deve matar qualquer outro animal. Todos os animais são iguais.

»E agora, camaradas, vou falar do meu sonho da noite passada. Não consigo descrevê-lo. Sonhei como seria a Terra quando o Homem desaparecesse. Mas isso fez-me recordar uma coisa de que me tinha esquecido. Há muitos anos, quando ainda era leitão, a minha mãe e outras porcas cantavam uma velha canção, da qual só sabiam a

música e as três primeiras palavras. Conheci esta música na minha infância, mas depois esqueci-me. Na noite passada, recordei-a no meu sonho. E o mais curioso é que me ocorreram as palavras da canção, palavras que, tenho a certeza, eram cantadas pelos animais há muito e estiveram esquecidas durante gerações. Vou-vos cantar agora essa canção, camaradas. Já estou velho e a minha voz é rouca, mas, quando vos ensinar a melodia, vocês poderão cantá-la melhor do que eu. A canção chama-se «Animais de Inglaterra».

O velho Major tossiu para aclarar a voz e começou a cantar. Como tinha avisado, a sua voz era rouca, mas cantou bastante bem, e era uma melodia arrebatadora, algo entre «Clementine» e «La Cucaracha». As palavras fluíram.

*Animais da Inglaterra, animais da Irlanda,  
Animais de todas as terras e climas,  
Escutem estas minhas alegres notícias  
De um dourado tempo futuro.*

*Cedo ou tarde o dia virá,  
O Homem tirano será destronado,  
E os férteis campos da Inglaterra  
Serão percorridos só por animais.*

O TRIUNFO DOS PORCOS

*As argolas desaparecerão dos nossos narizes,  
E os arreios dos nossos lombos,  
Freio e espora enferrujarão para sempre,  
O cruel chicote nunca mais estalará.*

*Mais ricos do que podemos pensar,  
Trigo e cevada, aveia e feno,  
Trevo, feijões e beterraba  
Serão nossos nesse dia.*

*Brilhantes serão os campos da Inglaterra,  
Puras serão as suas águas,  
Doce será a brisa que sopra  
No dia em que formos livres.*

*Temos de trabalhar por esse dia,  
Mesmo que morramos antes de ele nascer;  
Vacas e cavalos, gansos e perus,  
Todos temos de trabalhar em prol da liberdade.*

*Animais da Inglaterra, animais da Irlanda,  
Animais de todas as terras e climas,  
Escutem as minhas alegres notícias  
Do dourado tempo futuro.*

A música provocou grande excitação entre os animais. Antes que Major tivesse acabado, já eles cantavam em coro. Mesmo os mais estúpidos tinham apanhado a música e algumas palavras. Os mais inteligentes, como os porcos e os cães, cantavam a cantiga toda de cor em poucos minutos. E então, depois de algumas tentativas, toda a quinta irrompeu em uníssono «Animais da Inglaterra». As vacas mugiam, os cães ladravam, as ovelhas baliavam, os cavalos relinchavam e os patos grasnavam. E estavam tão contentes que a repetiram cinco vezes e assim continuariam se não fossem interrompidos.

Infelizmente, o barulho acordou o senhor Jones, que saltou da cama convencido de que havia uma raposa na quinta. Agarrou na caçadeira que estava sempre num canto do seu quarto e disparou uma carga de chumbo número seis para a escuridão. Os chumbos enterraram-se na parede do celeiro e a reunião dispersou à pressa. Cada um fugiu para o seu lugar de dormir. Os pássaros saltaram para os poleiros, os outros animais acomodaram-se na palha, e em breve toda a quinta dormia.